

CORPOPOESIA

uma epistemologia
poéticaerótica **SAPATÃO?**

Liz Mendes



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

M538c Mendes, Liz.

Corpopoesia: uma epistemologia poéticaerótica sapatão? /

Liz Mendes; Prefácio de Ana Lúcia Gomes da Silva; Posfácio de
Sarah Sanches.

1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2025; figs.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-217-0611-3.

1. Diversidade. 2. Poesia. I. Título. II. Assunto. III. Autora.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: poesia. 869.91

CORPOPOESIA

**uma epistemologia
poéticaerótica SAPATÃO?**

Liz Mendes

Copyright © 2025 – Liz Mendes

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Joana Moreira

Editoração: Vinnie Graciano

Capa: Acessa Design

Ilustração da Capa e miolo: Liz Mendes

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

Corporeoesia: Desvendando o Erótico Poético da Resistência Sapatão	9
---	---

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)

Prefácio	13
----------	----

Ana Lúcia Gomes da Silva

Eu em nós, Sapatão: entre fragmentos, (auto)corpografia

Espelho?	19
----------	----

Onde...	21
---------	----

Por que não recebo flores?	23
----------------------------	----

Boné	27
------	----

Nunca recebi poesia erótica	31
-----------------------------	----

Eu não conheci você...	35
------------------------	----

Este poema não há rimas, há sangue: lesbocídio	41
--	----

Pés cansados	45
--------------	----

Onde estão?	49
-------------	----

Coração	51
---------	----

Mãos, luxo epistêmico?	53
------------------------	----

Costas, paraquedas sem fim?	57
Boca, pode entrar...	61
Olhos que buscam, olhos que sentem	65
Pernas, movimentos de buscas epistêmicas	69
Seios, tecear	73
Bucetear é preciso	77
Convite a ter orgulho de quem se é	81

Entre línguas, lágrimas, gozo, breguices, um sentir sapatão

Sem controle, te degusto	87
Eu não sei	88
Saudades infinitas	89
Por que diz que me ama?	90
Meu corpo querendo o seu	91
Cartas de amor	92
Esqueci	93
beijo-gemido	94
Dizeres	95
Talvez?	96
O sabor do chá	97
Madrugada	100
Mais bonito que Maria Bethânia	101
Caminhos perdidos	102

Das saudades que seu cheiro me causa	103
Em busca de reciprocidade?	104
Fazer-fazendo poesias	105
Entre leituras, desprezos	107
Explícito?	108
Boca, com ela	111
Confusão	113
Seu sorriso está em tudo	114
Tênis, vida	115
O telefone quebrou?	116
Quando tento paquerar ...	117
Comer hierarquia	118
Coração?	119
Meu travesseiro já não aguenta mais ...	120
Aconchego	121
Tapete	122
Das perguntas aos choros...,	123
Dor	124
Canções em corpo	125
Minha poesia?	126
Pulsações	128
Continuo criando versos de saudades...,	129
Se atente, visse	130

Cena de um beijo	131
As fugitivas	133
Noite...	135
Quero que você saiba	138
Posfácio	140
Sarah Sanches	

Corporeopoesia: Desvendando o Erótico Poético da Resistência Sapatão

Entre versos que cortam como navalhas e imagens que dançam em corpos de lábios, olhos e pernas abertas para o mundo, “Corporeopoesia” nos entrega a poética visceral de Maria Lizandra Mendes de Sousa, nossa querida Liz Mendes. Aqui, cada linha é um convite a sentir, ser e resistir com todo o coração (e com toda a buceta). Este livro é mais do que poesia; é um manifesto erótico-político, uma epistemologia que brota da carne, do desejo, da dor e da alegria de ser sapatão em um mundo que tenta apagar-nos.

Liz Mendes costura suas palavras com a agulha da insubmissão e o fio do prazer, atravessando territórios que nos fazem lembrar de Audre Lorde (2019) quando afirma que o erótico é uma fonte de poder e conhecimento. Cada poema, ao desobedecer aos padrões impostos às mulheres, especialmente às que amam outras mulheres, é um grito que ecoa Adrienne Rich (2019) e sua discussão sobre a heterossexualidade obrigatória como um sistema de opressão. Aqui, o corpo é revolta e é também gozo: pernas peludas, bocas molhadas, seios que pulsam em tecer amores e lutas. Este é o corpo da poesia de Liz, que canta as marcas de resistência no cotidiano das sapataões.

Na construção desse corpopoesia, Liz Mendes dialoga com teóricas como Monique Wittig (2022), ao reivindicar a lésbica sapatão como sujeito político que desestabiliza as bases do patriarcado. Seus poemas não apenas celebram o amor entre lésbicas sapatão, mas também expõem as violências e invisibilidades que enfrentamos. Cada linha é um ato de coragem e um chamado à organização coletiva: o corpo sapatão aqui é política, é poesia e é um grito contra a lesbofobia, lesbo ódio, lesbocídio.

Com imagens sensoriais que evocam Gloria Anzaldúa (2021) e uma escrita visceral que podemos chamar de uma “linguagem de fronteira”, Liz Mendes nos guia por rios que escorrem entre pernas abertas e mentes que se libertam. Este é um livro que desafia, mas também convida: a nos orgulharmos de quem somos, a amarmos sem medo, a saborearmos as possibilidades do nosso desejo enquanto rompemos os silêncios impostos pela heteronormatividade.

“Corpopoesia” é também um produto inicial de uma pesquisa em andamento¹ no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia–Campus XIV, Conceição do Coité/BA. A obra está vinculada ao Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidade (GLEIGS) e ao Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL). Além disso, foi financiada pelo Programa de Fortalecimentos dos Grupos de Pesquisa – PROFORTE – Edital nº 110/2023. Como orientadora de Liz Mendes no PPGED-UNEB, não poderia estar mais or-

1 Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

gulhosa em acompanhar de perto a construção dessa obra tão significativa.

Como artefato pedagógico, o livro de Liz Mendes é essencial à educação para a diversidade, provocando reflexões e inspirações tanto em contextos formais de educação quanto nas práticas dos movimentos sociais. Ela é uma ferramenta potente para desestabilizar estruturas patriarcais e heteronormativas, contribuindo com as lutas dos movimentos e organizações lésbicas sapatão feministas e fortalecendo os processos de educação que promovem justiça social e epistêmica.

Organizada em poesias e imagens que entrelaçam narrativas visuais e textuais, “Corporeopoesia” revela uma construção rica e fragmentada que intensifica a experiência de leitura. As imagens dialogam com os versos, criando uma dimensão sensorial que amplia o impacto da obra, transformando-a em um campo de exploração para os sentidos e para a reflexão política e social.

“Corporeopoesia” é o reflexo de uma mente criativa, corajosa e comprometida em dar voz às experiências sapatão. O percurso acadêmico de Liz reflete sua capacidade de transformar vivências em potentes manifestações artísticas e políticas, contribuindo de forma única para a produção de conhecimento encarnado que atravessa fronteiras entre poesia, educação e resistência.

Ao lermos “Corporeopoesia”, é impossível não lembrar de Audre Lorde (2019) e suas reflexões sobre a utilização do erótico como um antídoto contra a opressão. Liz Mendes faz exatamente isso: pega as nossas mãos, nos mergulha

no rio do prazer e nos entrega de volta o poder de nomear nossa própria existência. Sua poesia não é apenas sobre corpos; é sobre a criação de mundos onde nossas vidas possam florescer e ser vividas em sua plenitude.

Que “Corpopoesia” seja lido com os sentidos todos: pernas abertas, corações rachados em jardins, olhos que enxergam para além do que nos permitiram ver. Liz Mendes não nos oferece apenas um livro; ela nos oferece um espelho em que o corpo sapatão se reflete, se revira e se reinventa. E assim, sua poesia nos devolve algo precioso: a coragem de viver e amar do nosso jeito.

Com Liz Mendes, por Liz Mendes, para todas nós.

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)
Salvador/BA, 01 de dezembro de 2024

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Tradução Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 66-74.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Tradução de Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Máira Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

Prefácio

Maria Lizandra Mendes de Sousa, a nossa Liz Mendes, luz em nossas vidas, nos brinda com o seu livro autoral de poesias que começa com gostamos de fazer em nossas aulas, sobretudo nas aulas de pedagogias feministas, interrogando cada estudante, nos interrogando coletivamente, a fim de aticar o exercício do pensamento. De modo instigante ela nos interroga com o título “Corpopoesia: uma epistemologia poéticaerótica sapatão?” Afirmando de início que o livro nos arrebatou. Considero uma coletânea potente e avassaladora que convoca cada leitor/a a inundar -se no “lavar das palavras” para nos ensaboar com elas, vibrar, ter vertigens, sentir cheiros, imaginar delírios ...

Ao longo do conjunto de mais de 130 (cento e trinta) poemas, há uma convocação para nos lançar em voos rasantes, altos, incertos, abissais e outros ainda não nomeados, mas sentidos, experimentados, experienciados, imaginados. A autora nos apresenta um trabalho potente e pioneiro que emerge de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e que pela singularidade e potência de cada poema, exala uma expressividade encarnada nos distintos modos de existência em que

se traçam pistas de uma escrita-rizoma cujos afetos alegres e tristes se misturam, se encharcam de risos e choros, gozos e travessias, lutas e recomeços.

Gosto desta opacidade das palavras, deste jogo do claro-escuro e da luz e sombra e dos modos pelos quais a partilha dos poemas como textos-vivos trazem pistas de uma artistagem docente sapatão ao modo Sandra Corazza, (2009)² quando nos interroga como criar uma artistagem docente? A Liz, nos traz pistas de como se arriscar a constituir-se docente da diferença pela sua [auto]cartografia im(plica)da, cuja pesquisa encarnada se caracteriza como abertura para o novo, para os devires.... para a vida que pulsa no encontro com o outro, a outra, tomando a diversidade pela diferença em si.

Nenhum docente ou outro profissional cria a partir do nada. Como criamos na docência nossas artistagens? Como nos produzimos docentes em devires? Desejamos conhecer o desconhecido, levar o claro para o escuro, no jogo de luz e sombras, a fim de dissolver certezas e não nos tornarmos professores/as que professam.

Dentre as características do docente da diferença advogamos rasurar e desafiar às estruturas de poder e às normas dominantes que encapsulam a vida e a produção da subjetividade e busque a promoção da autonomia e da responsabilidade responsiva coletivamente. Isto implica pensar e exercitar uma “educação feminista menor”: Uma abordagem educacional que desafia as estruturas de poder dominantes, promo-

2 CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Periferia**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2012. DOI: 10.12957/periferia.2009.3422. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/3422>. Acesso em: 18 dez. 2024.

vendo a liberdade de pensamento e ação, através das micro-políticas cotidianas geradas com o coletivo, como “máquina de guerra”. Este é um conceito deleuziano que representa uma força capaz de desestabilizar e transformar as estruturas de poder existentes, criando linhas de fuga.

Ao criar linhas de fuga, através dos poemas e suas experiências, cria modos de viver, de reexistir, de combater a lesbofobia, o lesbo ódio e denunciar cada violência sofrida pelas sapatão, pelas vidas ceifadas e marginalizadas, pelas vidas determinadas pelo outro como menos importantes. Reside aqui, a singularidade e pista de ineditismo da autora Liz Mendes, que pelas linhas de fuga, sacode estruturas, convoca para novos modos de amar, de existir e se visibilizar em suas subjetivações. Não trata de modo direto sobre a docência e suas singularidades, mas esta, lhe atravessa em suas múltiplas diferenças, que na relação com o humano espera cada vez mais se humanizar, se amar, se nutrir de redes, educar para a potência do agir e do amor como uma ética revolucionária como uma estética da existência.

A composição dos poemas são chaves-de leitura para uma educação decolonial, feminista que toma e interroga muitas dimensões da nossa formação docente, dentre elas: o epistemológico, o ontológico, o estético, o poético, na artistagem docente como território de passagens, de formação política tecidas nas experiência partilhadas, referenciadas, experimentadas.

Como leitora privilegiada, lendo o livro antes de seu lançamento para produzir a escrita deste prefácio, o faço

com emoção e alegria, com a esperança afetuosa das mestras que estamos nos tornando em co docência com nossos pares e estudantes. Por fim, convido cada leitora e leitor a ser co auto na interação com os textos poéticos da autora Liz Mendes, buscando estratégias para não ser massificada e formatada, tipificada assujeitada, coisificada.

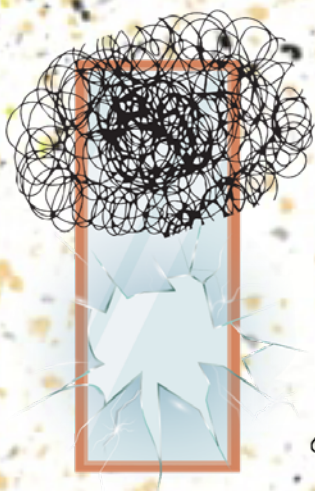
Convido para nos questionar junto com, a como engendrar respostas e afetos tristes e alegres com a nossa coragem, ousadia, nosso medo e nosso cansaço. Todos estes sentimentos presentes em cada docente da diferença que coletivamente e em polifonia possa acolher a multiplicidade da existência humana. Encorajar a crítica e a reflexão, como exercício do pensamento em que pensar e agir são inseparáveis são princípios que o conjunto dos poemas deixam emergir com potentes pistas desta pesquisa fecunda em andamento.

Piancó/ Itaitu/ Jacobina-BA, em 18.12. 2024.

Ana Lúcia Gomes da Silva

Prof.^a plena da Universidade do Estado da Bahia – Uneb.

**Eu
em
nós,
Sapatão:
entre fragmentos,
(auto)corpografia**



Espelho?

A primeira vez que me olhei no espelho
enxerguei apenas sombras.

Na segunda vez que me olhei no espelho
ouvi palavras, opiniões, xingos, gritos,
violências e massacres constantes.

Isso virou um hobby atravessado
nas linhas do tempo que me abraçou.

Hoje, ao me olhar no espelho,
percebi que estava olhando errado:
ao invés de olhar para mim,
olhei o seu reflexo.

*Tentei tantas vezes te mostrar
que poderia ser amada por você,
mas você é espelho
que distorce minha imagem.*



Onde...

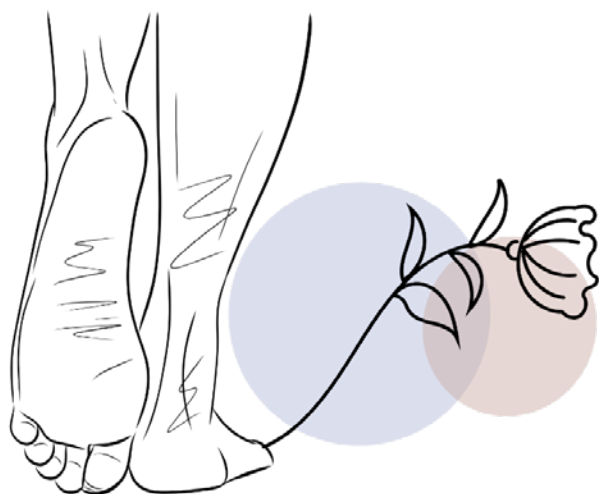
Onde eu morava
não cabia meus sentimentos
os meus desejos
as roupas que queria vestir
o cabelo que desejava
intensamente
ter.

Onde eu morava
não cabia minhas inquietudes
minhas poesias -
o erotismo
endereçado a outras mulheres.

Onde eu morava
não cabia meus passos
os movimentos das minhas mãos
as palavras povoadas
pela minha língua.

Onde eu morava
não cabia uma sapatão.

Onde eu morava
não me cabia.



Por que não recebo flores?

Se sou afetiva,
riem do meu afeto
deturpam o suave dos meus atos
ironizam a liberdade
que não abro mão nas relações.

Se sou sensível,
censuram minhas lágrimas
ignoram meus abraços
em tempos-espacos geracionais.

Se me deixo aguar
nos toques
[dedos-em-línguas]
dentro dos meus os olhos d'água,
ridicularizam meu gozo-livre.

Se converso sobre sexo
gracejam do meu permitir
em ser poética-amor

de prazer mútuo,

ser-em-fluxo.

Não recebo flertes

cartas de amor-saudades

poesias escritas-declamadas

e gentilezas cotidianas.

Afinal, por que não recebo flores?

*Abri os olhos e comecei a sorrir: ela estava
segurando um buquê de flores e em músicas, disse:
“Para você, linda”. Sem temer, me beijou.*

Amo flores. Amo dar-receber flores!



Boné

Sempre quis ter

um boné.

Sempre quis

Usar um boné

De frente,

ao contrário.

Sempre quis combinar

o boné

com cueca preta,

com top preto,

com camisa marrom,

com short preto,

com meia e tênis branco,

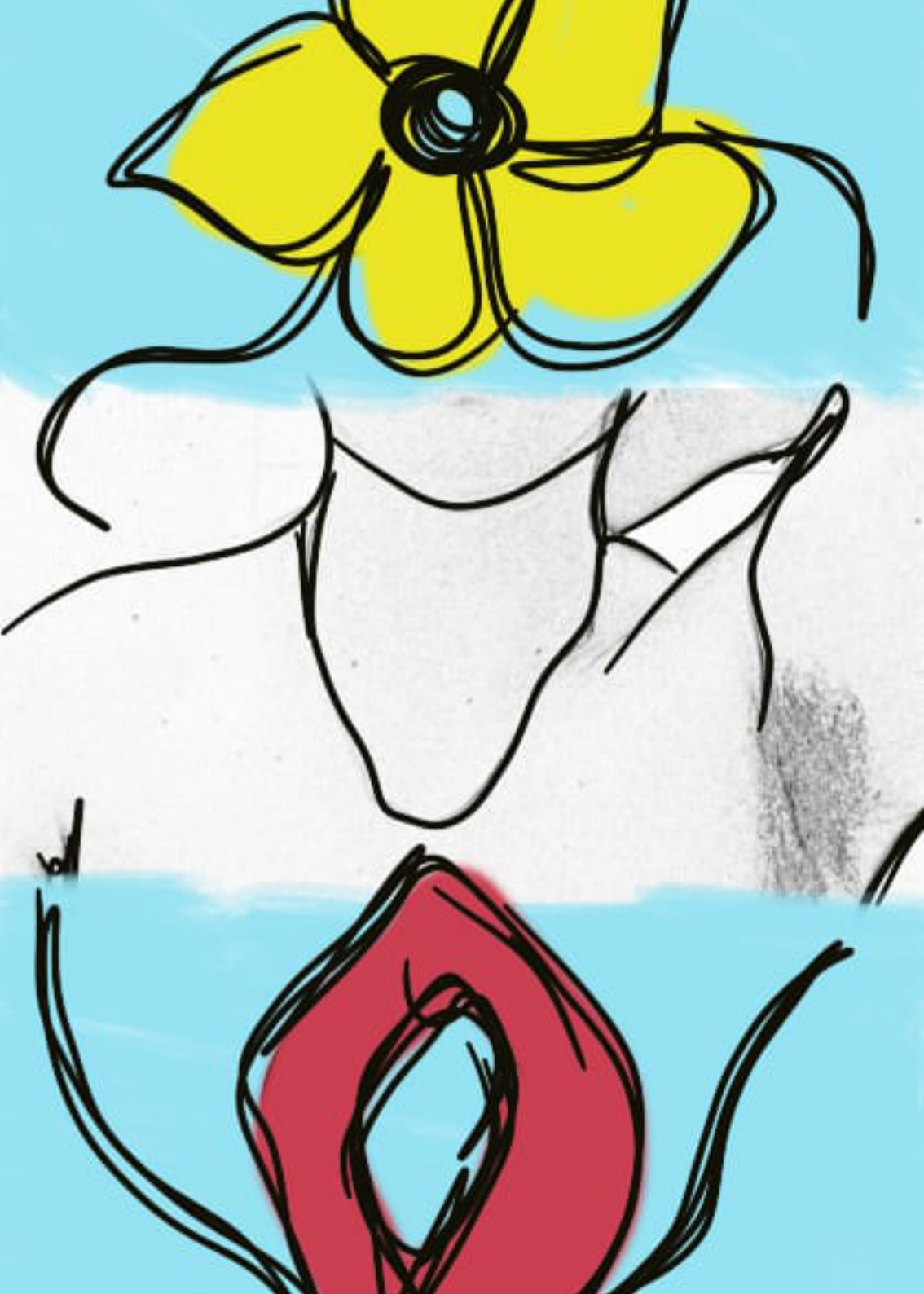
com relógio,

com colar,

com brinco de argola pequeno,

com anéis de tucum,

com pulseiras.
Sempre quis
um boné marrom.
Sempre quis ter
um boné.
Tive um.
Ele era preto.
As pessoas que diziam
me amar,
riam de mim.
Não aguentei!
Tive um boné preto
E o deixei.
Eu sempre quis
ter um boné
porque eu sempre quis
ser eu.



Nunca recebi poesia erótica

Nunca recebi
poesia erótica.

Nunca tive a sensação
de saber por poesia
como ela me deseja.

Que sensações
percorrem em seu corpo
ao toque de minhas mãos,
na minha língua devorando-a,
no que mais gosta,
o que sente quando
sussurro ao seu ouvido:

“Não se preocupe,
vou foder você”.

Nunca recebi
poesia erótica.

Às vezes, fico pensando
que não sou tão desejante
para receber poesias eróticas.

Que meu corpo
é mais uma máquina
para satisfazê-la.
Não que eu esteja reclamando
de fazer poesias em corpo com ela.
Mas amaria receber
poesias eróticas
feitas por ela.
Do que sente
quando lê as tantas
poesias que faço
erotizando momentos.
Não quero apenas
“Nossa! Isso é incrível”.
Eu quero falas explícitas,
desejo ardente,
corpo quente
e em digitais dizer:
“Vem logo para cá.
Preciso de você”.
Como será que ela
fica quando me lê?

Será que sente algo?
Nunca recebi
poesias eróticas.
Talvez meu pensamento
seja de fato real:
Não mereço receber
poesias eróticas.
Além de não receber flores,
declarações de amor,
breguices, clichês,
eu também não recebo poesias
eróticas, nem fofinhas.
Sou uma sapatão poeta
que nunca recebeu
poesias eróticas.

- *Das vezes que odeio ser sapatão!*

FAKE

de nos

MATARI

Eu não conheci você...³

Eu não conheci você
Não nos sentamos na calçada
de uma rua qualquer
vendo o céu estrelado
conversando sem preocupação
de sermos julgadas
por aquilo que sentimos
entre risos e cervejas baratas,
poesias feitas no improviso da vida.
Eu não conheci você
Não andamos de bicicletas
descobrimos caminhos diferentes
se deslocando em si
e na outra
sendo criança
moleca demais

3 Poesia em homenagem a Ana Caroline Sousa Campêlo, uma jovem sapatão que foi brutalmente assassinada em Maranhãozinho/MA. Uma poesia para tantas outras sapatão que têm suas vidas ceifadas pelo lesbo ódio.

dizendo ao mundo:

sou um universo inteiro de invenções.

Eu não conheci você

Não marcamos um almoço

cozinhamos juntas ao som

de os “Versos que compomos na estrada”

não balançamos o corpo

entre o erro bobo de ter

adicionado sal a mais no arroz

da conversa ser tão gostosa

e esquecermos a carne no fogo

a comida queimando

e termos que fazer macarrão.

Eu não conheci você

Não ouvi suas histórias de amor

como foi seu processo

de sentir e orgulhar de quem se é

de ouvir sobre seus sonhos

medos

desejos

ouvir você com os sentidos todos

juntos, agarrados.

Eu não conheci você

Não segurei sua mão

quando precisou se levantar

não lhe dei o abraço bem forte

não disse que era uma das minhas pessoas

preferidas no mundo

não festejei suas conquistas

não lhe disse que tudo bem

não ter dado certo aquilo

que tinha planejado.

Eu não conheci você

Não fizemos um debate etimológico e poético

feito na improvisação da territorialidade

da formação política

tecidas nas experiências referenciadas

em outridades

sobre os nossos corpos sapatão.

Eu não conheci você

Não tiramos fotos juntas

não sei qual sua cor preferida

se gosta ou odeia sorvete

sua fruta preferida...

Em não sei nada sobre você

mas estou aqui chorando

chorando

chorando

continuo chorando

por terem tirado sua vida.

Eu não conheci você

Poderia até ficar sem conhecer

mas que você estivesse viva

vivendo a vida

mas tiraram você de nós.

Eu não conheci você

e choro tanto

uma dor profunda, letal

por a ter pedido.

P.S. Um ano sem Carol Campelo!

25003030

Este poema não há rimas, há sangue: lesbocídio

Somos visíveis para o ódio
e invisíveis nas políticas públicas.

“Não existe violência contra as sapatão”; “Não existe sexo
entre mulheres, então, não precisam de preservativos”,

dizem os conselheiros do Estado patriarcal,
misógino e machista nas suas mentes
e discursos afunilados de lesbofobia.

Somos visíveis para o ódio
e invisíveis quando as câmeras
flagram o espancamento.

“Sapatão, Maria Macho, nojenta, você merece morrer”,
gritam os lesbofóbicos intercalando com murros e chutes.

“Apanhei até desmaiar”,
fala a sapatão que por pouco não virou
estatística em números apagados.

Somos visíveis para o ódio
e invisíveis no estupro corretivo.

“Você só é sapatão porque ainda não me experimentou”;

“Vou te ensinar a gostar de homem”,

ecoam os violentadores quando a estupram.

Somos visíveis para o ódio

e invisíveis mesmo quando os assassinos
confessam seu crime.

“Eu a matei porque eu desaprovo
a existência dela”; “Vou te matar, nojenta, pode
esperar”, esbravejou antes e depois de tê-la
assassinado a tiros.

Somos visíveis para o ódio

e invisíveis em violências nas escolas,
igrejas, família, nas ruas...

“Você quer ser homem”; “Deus não aprova
sua escolha”; “Você precisa ir ao médico”;

“Você é a vergonha e não faz parte mais
da família”; “Nojenta, bruxa, feia, sapatão”,

ficam em silêncio as instituições de ensino, gritam
as pessoas que dizem amar o próximo, expulsam-nos
os que deveriam ficar ao nosso lado, urram os que querem
nosso sangue nas calçadas.

Somos visíveis para o ódio

e invisíveis no mercado de trabalho.

“Aqui não tem lugar para pessoas do seu tipo”;
“Você precisa mudar sua aparência”,

falam o verbo apagar nos rostos
que são pontos enraizados para a exclusão.

Somos visíveis para o ódio
e invisíveis nos relacionamentos.

“Você é o homem da relação, né?”; “Posso
participar?”; “Amiga, se fosse para namorar
uma menina desse jeito, eu namorava um homem”,
diz a corrente heteronormativa com seus ideários
únicos de existências e de relações afetivas.

Só nos dão uma alternativa:

permanecer na heterossexualidade compulsória ou suicídio.

Tiram-nos o direito de ser, sentir, viver
e existir... Há sangue nesse poema, histórias
não contadas, memórias não lembradas, assassinatos
não registrados, vidas injustiçadas...,

mas há também encontros pelo
ato político de nomear: sapatão.

Não há rimas nesse poema,

existe o esperar-se pela REVOLTA.

Fecho os olhos e digo:

“Quem acolhe as sapatão?”



Pés cansados

Meus pés estão cansados

há sangue neles.

Caminho sem pausa

repouso

descanso.

Minha busca nunca para,

nunca chega ao fim.

Meus pés fedem

a violência.

A dor vai sendo

amenizada

na descoberta de outra sapatão

Meus pés cheiram

angústia.

O caminho é árduo,

Mas não posso parar.

Preciso encontrar outras sapatão.

Se eu parar,
você vai continuar buscando
outras sapatão?
Quem se importa com
nossas vidas?
Meus pés têm sabor
desejo intenso
de vivermos
permanecermos vivas.
Os seus pés têm
desejo de quê?

Bueno
Sapatón
En
Vida

Onde estão?

Onde estão as sapatão
além dos subempregos?

Onde estão as sapatão
além do cemitério?

Onde estão as sapatão
além do futebol?

Onde estão as sapatão
além dos bares?

Onde estão as sapatão
além do desespero da fome?

Onde estão as sapatão
em vida?

Flon



Lean

Coração

Há várias rachaduras
no meu coração.
Já faz um tempo
No espaço
Que as rachaduras
Estão sendo povoadas
Por diferentes
Flores.
Um coração (rachadura) jardim?
Coração jardim florido!



Mãos, luxo epistêmico?

Linhas curvas,
jeito de sentir ar-der
Entre curvas,
caminhos são (entre)abertos
Círculos que suspiram
na superfície do rio.
Brincando com as
águas
que percorrem o rio
os dedos vão sendo
sugados
para mais fundo
profundo
infinito.
Sem pressa
as mãos saem dançando
para fazer festa

com a chuva
que se molha nas águas...,
– escorrem e criam canções autorais.
Veias grossas,
mãos pequenas:
modos de fazer poesia.
Movimentos!
Perfumam o vento
das palavras-toques.
Começa com a suavidade
de permitir sentir o
mistério do rio.
Na leveza de entrar,
afundar-se,
cheiro de flores
preenchem todo o
espaçotempo de vida.
Memórias que pulsam
contornando linhas.

Segurando firme,
bate episteme
com sagacidade.
As mãos
que pegam a caneta
para escrever curiosidades epistêmicas,
são as mesmas que fazem com
força
as poesias que nascem
dos rios.
Mãos que gozam feitiços
traduzem orgasmos em infinito
São as mesmas
que escreve para
(re) existir.
Produzem palavras-toques
nos raios que tocam os rios.
Luxo epistêmico!



Costas, paraquedas sem fim?

Larga com curvas finas
Banhada em chuvas
de pôr do sol
com sabor de cajuína,
lambuzada com óleo de coco.

Múltiplos convites
para deixar-se em si,
em cima, de lado, em baixo,
– da forma que quiser –,
de mim.

Dois fundinhos
que desliza
– sobe e desce da vida –
em direção aos caminhos
ainda não sentidos
tocados
desconhecidos

amados

Que nunca finda,

sempre começo.

Bem te quero!

Palavras tateadas

nas contradições

dos desejos (in)visíveis

tatuados por toda

larga curvas finas.

Flores em gira

sol

No fogo que queima

e ocupa as trilhas

que nada sei.

Arranhões em canções

de apertos,

suadas vontades

Costas nuas

ou paraquedas sem fim!



Boca, pode entrar...

Boca entreaberta,
saudades deixou passar.
Em cada movimento
palavras em línguas
conjugando epistemes
reivindico saborear.
Ponta de um coração
nu meio
Caminhos que mostram
dentes,
sussurros de saberes
Entre dias sem gostos,
madrugadas em devaneios:
balbucio.
Balbuceando,
degusto as dúvidas
com a boca sedenta

verbalizo incertezas
tropeço nos medos
sinto o cheiro dos sonhos
salivo a vida.
Aberta,
invento rotas
Na mistura dos sabores
faço denovo sem métrica
mordo as metodologias
no canto da boca
e deixo (des)sentidos inquietos
povoar o corpo.



Olhos que buscam, olhos que sentem

Castanho escuro,
sorrisos que fecha.
Miudinho!
Cílios grandes,
eletricidade lunar
Ver que sente
na corporeidade toda
Ver que escuta
rasgando toda a alma
Ver que ama
deixando-se
nos espaçostempos
Ver que transborda
líquidos por toda parte
Encharcada!
Ver
Sentir

Escutar

Amar

Transbordar

Olhos de poeta,

ver de sapatão.

P.S. Olho para você como rio: sempre com água.

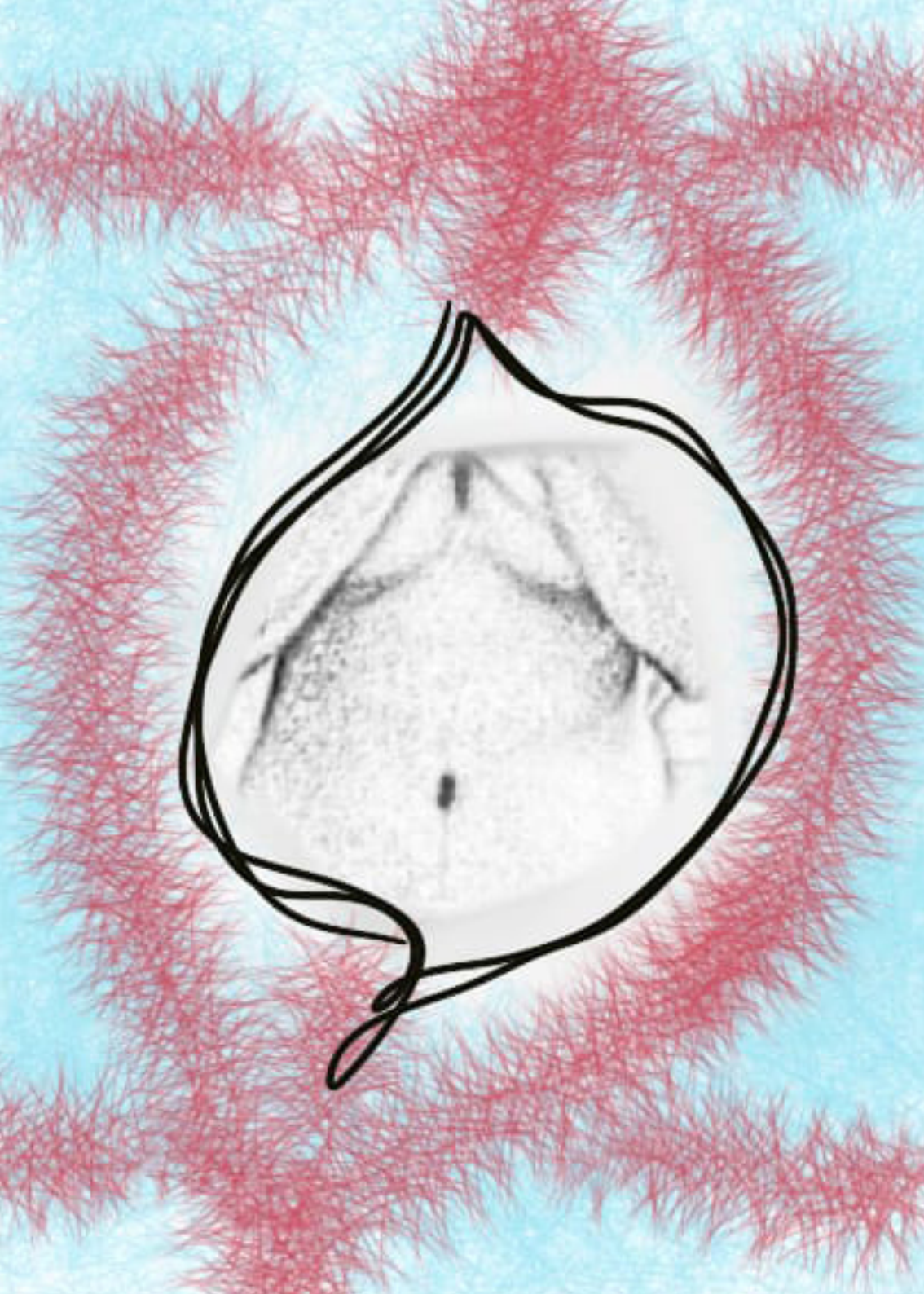


Pernas, movimentos de buscas epistêmicas

Há várias rotas
algumas em direção
aos pensamentos de
Gloria Anzaldúa.
Outras nas poesias
corporificadas de
Cheryl Clarke
E outros cursos
nos movimentos de
Monique Witting.
Essas rotas
surgem de dentro
para fora
como os pelos
que nascem
e tomam conta do seu
lugar no corpo.

Há os pelos poetizados de
Adrienne Rich,
Tania Navarro.
Fazem mergulhos profundos,
saio toda molhada.
Com pelos, erotizo a vida
produzo saberes no movimento das águas.
Mergulho profundo nas águas
que escorrem entre as pernas abertas.
As águas escorrem até meus pés,
melam o chão.
Chão melado,
corpo despido,
poesia que entra e sai
tatuando as panturrilhas.
Palavras,
versos
prosas
de autoras sapatão

desenham as trilhas que
minhas pernas percorrem
com as poéticaseróticas.
Com Audre Lorde,
Sarah Sanches
Junto com tantas
Faço as minhas poéticaseróticas autorais
Com pernas, entre pernas,
Movimentos de buscas epistêmicas.
Lugar de sapatão!



Seios, tecear

Tecendo flores
desatando nós
Trilhas são feitas
com modos horizontais
com formas de bricolagens
com jeitos e gostos de
orgasmoslouquices.
Tecear as palavras
em gosto coletivo
como se fosse
banho de rio em mar
E para a-mar em
a-marelo
lentes teóricas de fascínio
são conduzidas
entre os seios.
Cada verbo conjugado

na primeira e terceira

pessoa

do singular-plural.

Reconduzir o verbo

e dizermos de

Boca cheia:

Cear.

Seios

pequenos,

cabe na mão.

Banhados com

água de rio

melados com manga

saboreados

com chocolate e

doce de leite.

Seios, que vão

ceando pela vida.



Bucetear é preciso

Buceta

Cabeluda,

sem pelos

Pequenos,

grandes

lábios,

clitóris é um direito nosso.

Sintonizada em saberes plurais

organizada pelo desejo orgasmático,

buceta é cor em cores que se abre

molhada

amada

beijada

dedada

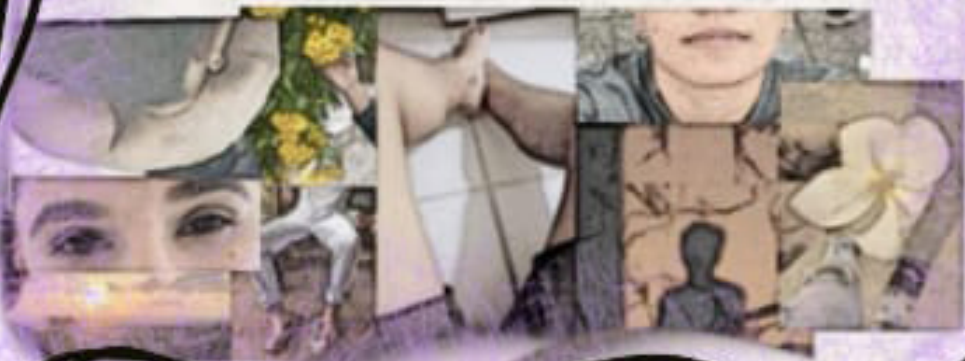
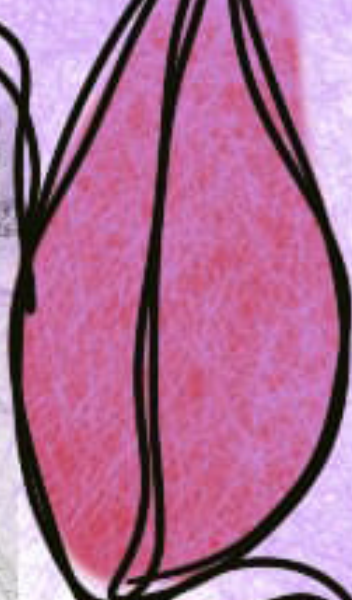
sugada.

Buceta é coro que sapateia,

explode em melodia

pertinho do ouvido.

Salivando pelo corpo,
buceteamos!
Águas que destroem represas,
escorrem
lambuzam
delírios artísticos
de dia,
de tarde,
de noite,
até de madrugada,
buceteamos!
Pisando firme
em devaneios
cambaleantes
com incertezas
conhecimentos revolucionários
construindo pelo corpo
em todos os espaçostempos
Bucetear é preciso!



Convite a ter orgulho de quem se é

Você não é estranha,

aberração,

mal-amada

desnecessária.

Eles podem dizer isso a todo instante, incessantemente

querendo fazer com que você

acredite nas marcas

dos discursos-atos violentos

destinados ao seu corpo.

Eles são concretos, e você-nós?

Somos caminhos abertos,

fluidos e em movimentos.

Antes até doía,

agora emerge de sua garganta gargalhadas.

Os espelhos já nutrem outros sabores.

Novas imagens são refletidas no espelho.

Desobedecendo à lista infinita

de como ser uma mulher,
você passa o xampu em seu cabelo curtinho
ao som de “1º de julho”, de Cássia Eller.

Secando o corpo molhando,
passa o desodorante nas axilas peludas
e o hidratante nas pernas cabeludas.

Cantando junto a Maria Gadú
“Quem sabe isso não quer dizer amor,”
veste sua cueca preta,
seu top preto
da Calvin Klein.

Dançando, veste uma calça jeans azul
e uma camisa branca.

Coloca as meias e calça o seu tênis
all star branco.

Recitando “Encontro” de Audre Lorde,
coloca seu colar de pérolas coloridas,
uma pulseira preta e seu anel de tucum.

Agora,

coloca um pouco de perfume no pescoço
e nos pulsos.

Sai pelas ruas espalhando-se pelo mundo

Já não cabe mais em lugares pequenos

porque ela é grande,

gigante revolução.

Com sua presença visível

convida tantas outras

a serem visíveis

e a impulsionarem seus corpos

desobedientes-rebeldes.

Os dedos de uma escrita desejo

vai gotejando gozos de organização coletiva,

desestabilizando o medo,

potencializando a coragem.

A boca-língua de movimentos suaves

solta as palavras engasgadas,

cortadas,

engatadas

porque entendeu que coragem é ir com medo.

Seu corpo provoca a potencialidade da fluidez

afinal aprendeu com tantas outras

que é preciso organizar a raiva.

Nas poesias que tatuam seu corpo,

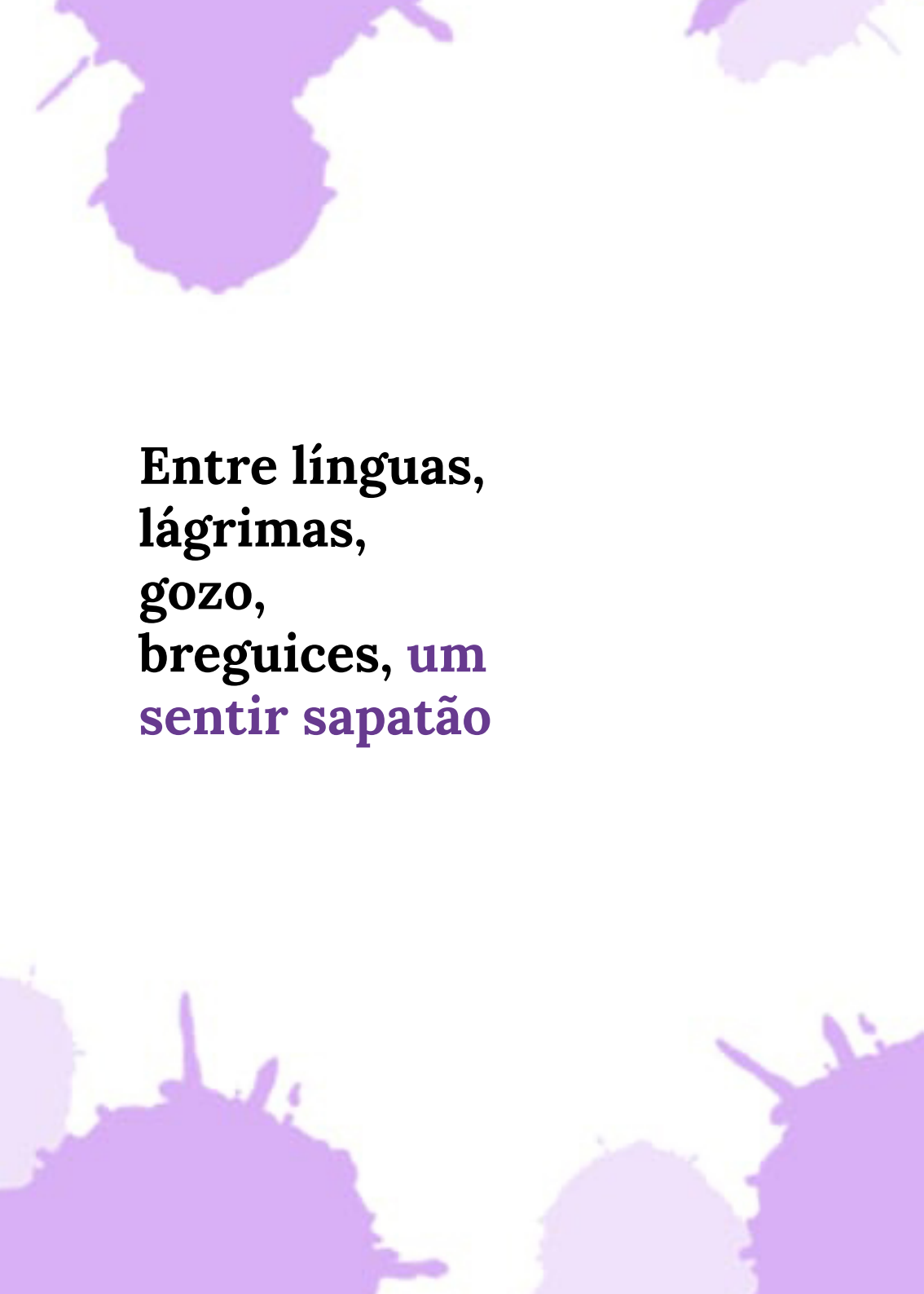
aprendeu a caminhar

juntando com raiva, afeto e feminismo.

Quando a perguntam o que ela é

sorrindo, diz com orgulho

- SOU SAPATÃO.



**Entre línguas,
lágrimas,
gozo,
breguices, um
sentir sapatão**

Sem controle, te degusto

Há espaços entre suas pernas
para meus beijos molhados?



Eu não sei

Não sei

o que é o amor,

mas toda vez que lhe vejo

e que você me toca

meu coração insiste

em falar “eu te amo”

em todas as línguas

E olha que mal

sei falar o português.



Saudades infinitas

Meu encontro preferido tem nome,
endereço e uma pele bem suave.

O fogo queima as coisas,
mas é você que me deixa quente.

P.S. Meu corpo tentando esquecer você!



Por que diz que me ama?

Você diz que me ama.

Mas esqueceu o essencial:

me amar.



Meu corpo querendo o seu

Não existe distância mais cruel
do que sua boca longe da minha.

*P.S. Meu corpo **continua** tentando esquecer você...*

E toda vez fracassa.



Cartas de amor

Todas as cartas de amor
são ridículas, disse o poeta.

Todas as minhas cartas de amor foram ridículas.

Escrevi para os amores imaginários,

Para os amores sonhados em noite de lua cheia,

Nas noites estreladas, no vento do nascer do sol,

nas águas frias e quentes

nas madrugadas em insônia.

Todas as minhas cartas de amor

foram ridículas e continuaram sendo.

Quando a encontrei, minhas cartas ridículas
coloriram meu corpo-assombro.

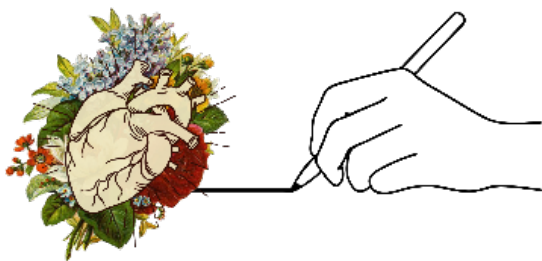
A escrita de cartas de amor ridículas floriu

Viva-intensa.

Mas as cartas de amor ridículas me queimaram

e nem podia ser diferente

O amor não foi mútuo.



Esqueci

Esqueci de dizer
para meus dedos
que não iria mais
mergulhar em você.
Agora,
todas as noites,
tenho sonhos que me deixam
molhada.



beijo-gemido

Seu corpo contorce
com meu toque leve-forte
Sua respiração entra em competição
com as águas que saem do córrego
Se te pego forte, você geme
Se te pego devagar,
você suplica para não demorar
Entre dedos e beijos
danças que fodem a vida
Existe algo que te estremece:
minhas poesias feitas encarando você
Você me revira a alma, e quando percebo
sua língua encontra a minha
e canta gozos em sintonia
com o beijo-gemido.



Dizeres

Dizem que o amor
te deixa sem palavras
deve ser por isso
que a única coisa
que consigo dizer
quando estou perto.
de você...
é que eu te amo.



Talvez?

Talvez sua ausência
tenha proporcionado
noites de insônia.

Talvez o seu cheiro tenha ficado
grudado no meu colchão.

Talvez suas fotos ainda estejam
na galeria do meu celular.

Talvez o gosto do seu beijo-corpo
permaneça causando-me calafrios.

Talvez sua voz fique
ocasionando lágrimas de saudade.

Talvez eu ainda te ame muito.



*P.S. Me engasguei com poesias,
engoli saudades suas.*

O sabor do chá

Olhos revirados,

corpo suado.

Parei!

Séria, suplicou:

“Continua, continua, continua,
por favor, amor”.

Mãos em nádegas,
cachoeiras descontroladas,
contorcendo vislumbres poéticos
obra de arte.

Olhos atentos,
beijos em lábios
degustando sabores,
movimentos rápidos.

Já não estava no controle

Um giro

Ela passou a rebolar epistemes



dentro-em-cima da minha boca
declamando poesias por cima.

Bebi sem derramar uma gota

das epistemes fluidas
que saíam da cachoeira.

Corpo esvaecendo

Giro rápido, a segurei.

Meu corpo virou almofada
e eu continuei declamando poesias

baixinho

junto ao seu ouvido.

*O sonho mais real que tive, doutora.
Ainda sinto o sabor do chá.*

–Gengibre com limão?

– Não, sabor de (foder) saudade dela.



Flores, lágrimas e sol

As flores são como pedaços

de nós jogados ao vento.

As lágrimas são o universo

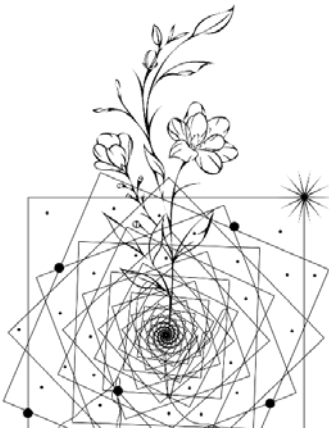
dizendo que você precisa descansar.

O pôr do sol sempre fala

a nossa linguagem e essência:

Resgate.

P.S. Eu te amo com as minhas mais belas poesias!



Madrugada

Na madrugada olhei
pela brecha da janela
o horizonte.
Acabei abraçando
o ar frio da saudade.



Onde estás tu agora?
Será que sente saudades do nosso amor?

Mais bonito que Maria Bethânia

Sabe o que é mais bonito
do que ouvir Maria Bethânia?

Ouvir-contemplar você
cantando Maria Bethânia
enquanto banha.

Sabe o que é mais bonito
do que ouvir Maria Bethânia?

Você despida
convidando-me para contemplar
e tocar seu corpo-desejo.

Sabe o que é mais bonito
do que ouvir Maria Bethânia?

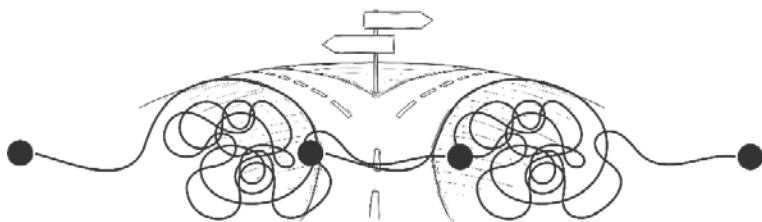
Eu e você
fazendo poesia em corpo.



Quer saber o pacto quente do meu beijo?

Caminhos perdidos

Caminhei na contramão
dos teus olhos
e acabei me
perdendo.



Das saudades que seu cheiro me causa

A única posse que tenho nessa vida
é a grandeza de dormir ao seu lado.



Você carrega música na sua mente
com diversas composições pelo corpo.

*P.S. Acredita que não consigo parar de pensar
em você? Por que você não fo(de)ge do meu corpo?*

Em busca de reciprocidade?

Se pudesse me ver mais um dia,
teria coragem de dizer que me deseja?



Fazer-fazendo poesias

Oh, meu amor
Se eu pudesse
estaria te paquerando
Sorrindo de forma
Maliciosa
Tocando seu corpo
Devagar
Disfarçando minha real intenção
Pegava um livro de poesias
Poesia sapatão
Recitava poesias para você
Olhando para as letras da poesia
Intercalando aos meus olhares
A cada parte do seu corpo
Recitava poesia comendo você
Eis a minha inspiração real:
Fazer-fazendo

Não seria diferente
Seu gosto me arrepia
Todo meu corpo
Quero continuar
Fodendo você
em poesia.



Entre leituras, desprezos

Li nos seus olhos a saudade

que tens do meu beijo.

Mas, li no seu corpo

a repulsa pelo meu toque.



Escrevi flores onde deveria ter usado a borracha.

Explícito?

Meu amor,

eu sou tua.

Desabotoa minha camisa

esfregue seu corpo no meu

diga gemendo no meu ouvido

“Me fode, amor”.

Meu amor,

eu sou tua.

Tiro sua roupa como alguém

que sempre sabe o caminho de volta

Tiro seu sutiã com o corpo queimando

querendo chupar seus seios

Tiro sua calcinha

aguando-salivando poesias.

Meu amor,

eu sou tua.

Senta-se no meu colo

Dance para mim

Puxa meu cabelo

Me beija com a alma.

Meu amor,

eu sou tua.

Beije-me

Toque-me

Lambe-me

Chupe-me

Penetre-me

Sem ordem

Em fluxo.

Meu amor,

eu sou tua.

Seu gosto é o meu sabor preferido da vida

Beijo-a com intensidade,

Lambo-a com amor,

Chupo-a com devoção,

Toco-a com contemplação,

Penetro-a com súplicas de desejo.

Meu amor,

eu sou tua.

Você é minha?



Boca, com ela

Ainda não consegui

Decifrá-la

E nem sei se algum

Dia conseguirei.

No fascínio de seus olhos,

Encaro sua boca.

Abraço-a!

Ela tem um cheiro

Suave

Que contamina tudo.

E cheirando,

aperto-a contra meu corpo.

Volto a encará-la

E já descontrolada

– não sei se pelos olhos, pelo cheiro... –,

beijo-a.

Chupo sua língua

como quem se lambuza
com manga.
E eu amo manga!
Ouço atentamente seus
suspiros
gemidos
pedidos...
Seu corpo contorce
com cada pequeno toque.
Quando percebo,
já estou dentro dela.
E sem parar,
olho para ela.
E ela, manga lambuzada.

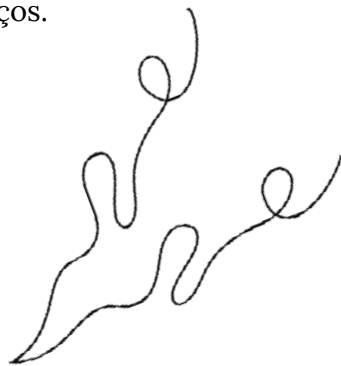
Confusão

Sempre me senti insuficiente
para você, baby.
Talvez seja minha insegurança,
talvez seja meu corpo falado
em gritos da sua acomodação
com medo do fim
sendo que já estamos
vivendo
o fim.



Seu sorriso está em tudo

Olhei-te tanto que acabei não
me atentando que estava nos seus braços.



Suas mãos carregam as
lembranças do meu corpo.



P.S. EU NÃO CONSIGO ESQUECER VOCÊ!

Tênis, vida

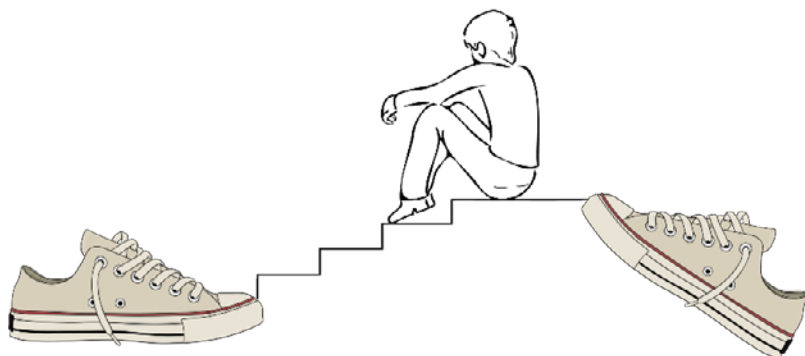
A vida samba no nosso rosto.

Então, vamos fazer um carnaval?

Morei no vazio

e acabei sendo refém das dores.

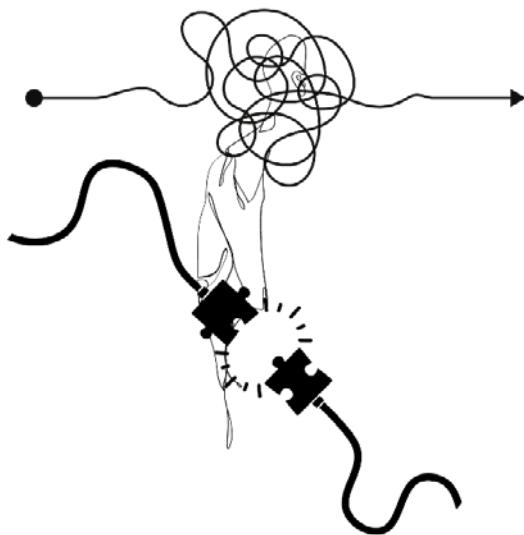
Meu tênis já tem tanto asfalto de histórias cruéis!



*P.S. Ao tentar não sentir seu cheiro,
acabei focalizando em dores.*

O telefone quebrou?

Se você não quer se conectar
pare de ficar fazendo ligações
[mesmo que elas sejam sem fio].



Quando tento paquerar ...

Os cinco sentidos não foram capazes
de detectar o quanto sou apaixonada por você.



Comer hierarquia

Comer e se lambuzar
é bem mais fácil do que aceitar
que está sendo iludida.
Deve ser por isso que o sol
durante o dia come o planeta
e quando chega a noite foge
de suas responsabilidades efetivas.

*Quando se romantiza sofrimento,
romantiza a hierarquia.*



Coração?

Pisaram tanto no meu coração
que deixaram os passos em outras vidas.
Os passos viraram areia nostálgica
que não vivo sem sentir
o peso de não poder ser feliz.



Isso sempre acontece quando não tira
os sapatos antes de entrar na casa.

P.S. Olha só, escrevo poesia que não é sobre você.

Meu travesseiro já não aguenta mais ...

Se você soubesse

que no meu travesseiro tem seu cheiro

e que nele faço morada do meu olfato,

você agarraria meus sonhos de amor intenso

e mergulharia no sabor do beijo?



Aconchego



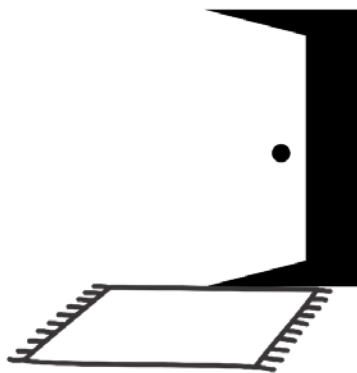
Toda vez que chora
debaixo do chuveiro
a água lhe abraça.

É por isso que sempre volta
para se sentir abraçada
novamente.

P.S. Quero que saiba que estarei aqui por você!

Tapete

Quando pensar em abrir
a porta do seu coração,
lembre-se que é necessário,
primeiro,
retirar o passado do tapete.



Das perguntas aos choros...,

Você me deseja?

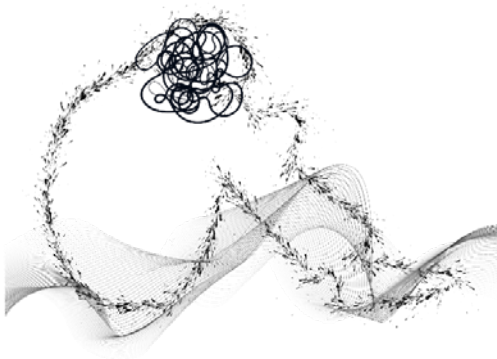
Pergunto aos prantos.

Meu corpo não sente o seu desejo!

Meu corpo não sente que me deseja!

Você me deseja?

Pergunto ainda aos prantos.



Dor

Chorei a dor
como quem
atravessa o fogo
vivo.



Canções em corpo

As canções de amor
que ouço
fazem
meu corpo ficar
quente.

As canções de amor
que ouço
me levam
para as memórias
do corpo-voz
suave.

As canções de amor
que ouço
me fazem
dizer: DEUSA-AMOR!

Minha poesia?

Minha poesia é selvagem

como o sol do meio-dia.

Minha poesia é canção

de ser perdida em si.

Escrevo

Canto

Os olhos d'água da vida

O que sinto

O desconhecimento

Os amores

Dissabores alheios.

Minha poesia é encontro

do suave com o sem pudor.

É palavras da vida vivida

Cotidianamente.

Dos assombros e alentos.

Minha poesia são os contos

dos olhos d'água da vida

Deseja e indesejada

Tudo-nada!

Minha poesia são letras-águas

absorvidas de viver o que é

e o que não é preciso.

Então, por que minha poesia lhe causa medo?

P.S. Ela diz que ama minhas poesias...

mas ela finge tão bem.



Pulsações

A vida sempre mostra caminhos.
E um desses caminhos me deixa em êxtase.



Continuo criando versos de saudades...,

Se a saudade falasse,
ela com certeza diria seu nome.



Se atente, visse

Você entregou seus sentimentos
para quem só queria sentir
o sabor do vinho.



Cena de um beijo

Quero saber o gosto
do seu beijo.
O sabor de nossas
línguas se tocando
enrolando
excitando.
Não se preocupe
se não aguentar
a intensidade da minha
boca na sua
dou-lhe fôlego
com beijos
suaves
intensos
molhados
no seu pescoço
entre seus seios
Vou beijando seu

Corpo

Todinho.

Volto para sua língua

com minhas mãos

em sua cintura

reviro sua vida

Os caminhos das mãos

estão em movimentos

Da sua nuca à sua cintura.

Quero que peça

ofegante

que as minhas mãos sapatão

povoem seu desejo

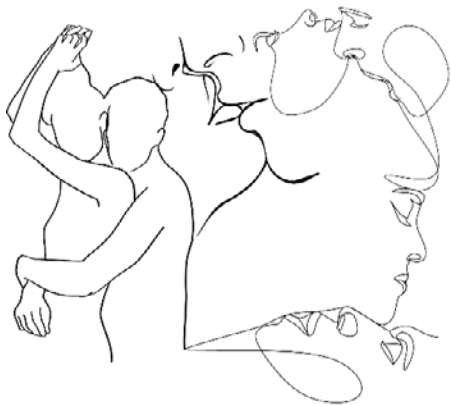
onde desejar movimentos.

Quero sua boca na minha

Diga:

Aceita o risco de sentir o

gosto do meu beijo?



As fugitivas

Eu fugi,
ela abriu o caminho.
Ela realmente
sente algo por mim?
Ela me deseja?
Por que minha mente
está tão atordoada?
Por que não consigo
me controlar?
Ela me ensinaria
como me controlar?
E se ela me ensinar,
vou conseguir obedecer?
Meu corpo queima todo!
Violentamos nosso corpo
por causa da culpa.
E se eu a beijar,
vou me culpar?
Ela quer me beijar?
Por que não consigo
me controlar?
Será que estou

nesse barco sozinha?
Será que ela está com
o corpo queimando também?
Meu corpo queima!
Queria não sentir tudo isso.
Eu fugi,
ela abriu o caminho.
Por que não paro de pensar nela?
Qual será o gosto dela?
É, moça,
você me enfeitiçou.
Sou fugitiva,
ela também.

*P.S. Eu fugi, ela fugiu. Mas não tem como fugir de poetas.
Será que vai conseguir fugir do que sente?*



Noite...

A encarei a noite toda
ela fingia não perceber.
Todos foram embora
Eu fiquei.
Já era madrugada
Ela estava sentada no sofá
Eu em uma cadeira
distante dela.
Continuei a encarar.
Ela abriu bem
devagar
as suas pernas
e deu um sorriso
de canto.
Fui ao seu encontro
falei perto de seu ouvido:
“Para que fingir que sua buceta

não está latejando desde o momento

que entrei por aquela porta?”

Ajoelhei-me.

A madrugada sussurrava

gemidos.



O livro

O livro que te dei de presente
foi feito de afeto.
Cada poesia abre as portas
daquilo que não disse
da insegurança que carrego
dos medos de perder você
e de me perder
das madrugadas de saudades
do ato de libertar-se a si
e das invenções do que poderia acontecer.
Afinal, amar uma mulher sendo mulher
nunca será invisível.
Você se orgulha de quem é?
Porque eu, sim.



Entreguei-me a você!

Quero que você saiba

Eu sou poeta!

Então, não queira que eu escreva

Palavras engessadas,

Colonialistas,

Neutras de si.

Eu sou poeta

Com versos inacabados

Em todo meu corpopoesia.

Sou um ser desobediente

E na escrita não seria diferente.

Eu sou poeta

De palavras

De ser-em-nós

Buscando justiça social

Epistêmica.

Eu sou poeta

Não queiras que seja

Um corpo distante
Da escrita-vida.
Sou perdida
Que canta
Palavras confusas
Em diários de
Desconhecimentos de si.
Sou poeta
E ousa ser a coragem
De ser poeta em vida.
Eu sou poeta, mas também
Sou sapatão.



Posfácio

Sarah Sanches

Pensei em escrever em prosa sobre este livro de poemas, considerei e desejei assim fazê-lo, mas há algo de orgânico, visceral e incontrolável na escrita poética—como demonstram as poesias da Liz Mendes aqui escritas, uma poeta que derrama em versos a complexidade, singularidade e coletividade das experiências lésbicas-sapatonas. Impossível não se sentir tocada no próprio íntimo, reviver experiências, encontrar-se e reencontrar-se nas próprias feridas e gozos, na beleza e na potência de existir sapatão. Peço licença, então, para me dirigir, neste posfácio, a quem o lê e à poeta ela própria, em versos poéticos de partilha e agradecimento pela oportunidade de lê-la e sabê-la viva e pulsante. Em versos pois é esta também a forma da linguagem que nos toma e a qual tomamos, tantas vezes, para nos inscrevermos na história umas das outras e do mundo.

**da experiência erótica-lírica da poesia sapatão ou
poemas para a poeta Liz**

I

escrevo-lhe deitada em minha cama
aqui onde tantas vezes também chorei
aqui onde quebrei espelhos
e lancei palavras duras ao vento
escrevo-lhe deitada em minha cama
aqui onde tantas vezes também gozei
aqui onde meu corpo repousa e se refaz dançando sonhos
e corpos em encontros escrevo-lhe deitada em minha cama
aqui nesse lugar íntimo e pessoal
que guarda as histórias do meu sono
meu prazer, meus lamentos
meus orgasmos, orações
e mais secretos sonhos
misturadas agora aos meus lençóis
travesseiros, cobertor
à roupa mesma do meu corpo
estão também as suas poesias
sinto-as percorrer desde o pé
aos cabelos que enfeitam o meu rosto
lendo-a percorro nas suas linhas
nos seus rabiscos e nos traços
que desenham o seu corpo sobre as folhas
a minha própria história
da lesbofobia ao auto-ódio

do auto-ódio ao encontro com as outras
no encontro com as outras: salvação
encontro em suas linhas
autoamor, paixão, tesão, ressignificação
encontro também
a angústia, o prazer e a solidão
de ser deste mundo-homem fugitiva
ser poeta, ser artista
ser pesquisadora, cientista
ser amante de mulheres
(e isso ser o que faz todas as coisas)
ser essa palavra que querem maldita
tantas vezes oculta, ressentida
a palavra que nos mata
mas também nos ilumina
ser lésbica, sapata, sapatão.

II

leio-lhe deitada em minha cama
percorro em seus poemas
os caminhos do seu corpo
dos seus pelos, dos seus dedos, das suas costas
dos seus seios, dos seus pés correndo soltos
como todo corpo-sapatão que sonho: livre
ao menos em nossos versos, nossos escritos
leio-lhe deitada em minha cama

percorro em seus poemas
os caminhos das nossas histórias
das nossas teorias, das nossas epistemes
das nossas alegorias, simbolismos e vertentes
como todo corpo-ciência que sonhamos: livre para
ser também artístico, sensível, senciente.

III

é porque sinto que posso ser livre,
escreveu Audre Lorde
escritora-poeta-guerreira-lésbica-negra-mãe
é porque sentimos, é porque vivemos
é porque choramos, é porque morremos
é porque amamos, é porque gozamos
é porque nos derramamos
(e isso fazemos como ninguém)
é porque somos indivisíveis
alma-corpo-sexo-pele-coração
que fazemos poesia, arte e ciência
com o calor das mãos
com as plantas dos nossos pés
brotando sementes nos caminhos onde vão
com os pelos eriçados nas pernas
com os corações pulsantes em nossos peitos
com as linhas das nossas trajetórias
costurando nossas teorias e conceitos

com a rebeldia das nossas existências
sobreviventes, supraviventes
úmidas, lânguidas, ardentes
com cachoeiras, rios e mares
todas as fontes de água
desembocando em nosso corpo-saber
passado, presente e futuro
confundem-se nesse corpo que é
a um só tempo:
ancestral e vivente
molhado e quente
histórico e político
erótico e dissidente
como a poeta Liz mesma diz:
“somos caminhos abertos,
fluidos e em movimento”
escrevendo na poesia, na ciência e na história
que nada pode conter a força
daquelas que vivem
com a coragem de amar mulheres
de peito aberto e Labrys em riste
escrevendo como lâminas cortantes
amando como quem nunca desiste.

IV

Audre diz que erótico é o gozo
de partilhar com alguma outra
com inteireza, integridade, honestidade
aquilo que se faz
e o prazer daquilo que se faz
seja pintar uma cerca ou andar sob o Sol escrever
ou declamar um poema, tanto faz
aqui, em minha cama
onde lhe leio e releio
declamo em pensamento os seus poemas
uma, duas, três vezes e outras mais
sinto os efeitos dos seus versos
sobre esse corpo-história-corção
revivendo a cada página
a trajetória do encontro com o Eu sapatão
um Eu que pulsa, que vibra, que derrama
que grita, que chora, se revolta e conclama
nas ruas, na escrita, em frente ao espelho
ou na cama
o direito de ser livre, de ser forte,
de ser de Si própria dona
nessa conexão que toda poesia reclama
entre quem a escreve, quem a lê ou declama
me encontro e gozo
a alegria de me saber

(assim como você)
lésbica, lesbiana
sapata, sapatão, sapatona -
e penso que é a força desse reconhecimento
de se saber partilhando algo profundo
com alguma outra
seja no corpo, história ou pensamento
o que o erótico também quer dizer.

V
por fim,
envio-lhe estes poemas embrulhados
junto a um *bouquet* de rosas
e uma caixa de presentes -
um boné marrom
nele estampado em preto
a palavra “sapatão”
uma máquina de cortar cabelos
pentes zero, um e dois
um espelho de corpo inteiro
de moldura firme e roxa
de vidro intacto, íntegro, reluzente
quando chegar,
lembre-se de ficar em frente
em pé, queixo firme e rente

observe-se direito
bem no meio há
em você um verso escrito
inapagável, incorrigível:
“obrigada por ser
exatamente como é
cada centímetro, cada sombra
cada luz, cada contraste
tudo em você faz parte
da beleza do mundo
e da construção de algum outro
onde seremos um dia
todas livres”.

A poéticaerótica sapatão escorre pelas páginas
do livro e pelos poros de Liz Mendes.
Tudo nela nos arrebatava com sua intensidade.
Ser criança corpo corpo estranho
Corpo sapatão com marcas indeléveis.
Da vida que pulsa violenta
Na luta
Na resistência
Na transformação da dor em amor
Amor por si, por mim, por nós, por outras
Como Liz sugere, é bom lê-la de pernas abertas.
Eu sugiro também de corpo aberto
para viver os gozos de sua poética
de uma poeta amante que não arredou o pé
de viver
que mostra seu corpo, seu gozo amorosa e
politicamente
contra o sistema heterocispatriarcal.
Poeta encarnada que nos encanta com seus
versos e aversos
que é feliz e triste, como cantaencanta Fitt em
sua canção.
É possível sim, através da poesia fazer leitura
da realidade social
contestar a invisibilidade sapatão,
expor o amor e os corpos sapatão
corpos resistencial
Que seja então de pernas abertas!

Amélia Tereza Santa Rosa Maraux



Maria Lizandra Mendes de Sousa
[Liz Mendes]

Antes de qualquer coisa, poeta. Sapatão. Sou Piauiense. Banhada pelo alaranjado do pôr do sol, feita no Rio Parnaíba, toda lambuzada de manga, com gosto de cajuína. Mestranda na Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB/CAMPUS XIV), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Graduada em Licenciatura em Pedagogia (CAFS/UFPI). Integrante do Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidade (GLEIGS), Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL), do Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq) e da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Bahia (LBL/BA). E-mail: eusendoliz@gmail.com

CORPOPOESIA

uma epistemologia
poéticaerótica

SAPATÃO?

Liz Mendes

